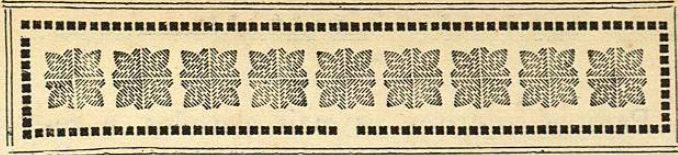


dinario que admira, pela clareza, simplicidade e segurança com que se apresenta, sendo que a imprensa completou esta serie de invenções que veio, pouco a pouco, facilitando ao homem o meio de deixar gravados, materialmente, os productos de sua intelligencia e as vibrações do sentimento.



CAPITULO XX

A RELIGIÃO

ANTES de expender qualquer opinião, sobre o desenvolvimento deste phenomeno, que tão soberanamente domina a mentalidade humana, julgo necessario, para maior clareza do assumpto, deixar aqui alguns conceitos de notaveis escriptores, verdadeiras autoridades em Sociologia.

René Worms, director da «Revista Internacional de Sociologia», publicada em Paris, afirma o seguinte na «Philosophia das Sciencias Sociaes» :

«Em nossos dias a religião tende cada vez mais a se individualizar

Cada qual faz sua religião a sua maneira.

Escolhe-se, no conjuncto das idéas e das regras tradicionaes, ou se inventa novas.

dinário
e segura
a impre
que veio
o meio
product
do senti

Para os espiritos os mais elevados, a religião é um commercio todo pessoal com a divindade.

Mas, estes factos não podem nos occultar o character profundo da religião que é essencialmente social.

A religião é um phenomeno colectivo e é, sob este aspecto, sobretudo, que ella depende dos estudos de Sociologia. »

Americo Namias da Universidade de Roma, em sua obra «Principios de Sociologia e de Politica», traduzida para a lingua franceza, manifesta-se, sobre este assumpto, do modo seguinte:

«A religião não é simplesmente um facto individual ou uma pura questão de consciencia, como geralmente se crê, mas um facto social.

E como ella não se explica (ao menos nas suas formas exteriores) sem a vida em commum, assim ella tem tido, na sociedade, uma funcção particular, uma missão historica que em vão se tenta desconhecer».

Arthur Bochar, secretario da «Sociedade de Sociologia de Paris» em seus trabalhos: «As leis da Sociologia Economica» escreve:

«Como o direito, a arte, a lingua, a religião é acondicionada, pelo meio social, onde ella nasce e, por consequente, depende, em primeiro logar, da organização economica da sociedade.

Até aqui se tem estado as influencias das crenças religiosas, sobre a economia, porque nas sociedades mais avançadas em civilização, a religião exerce uma acção preponderante que invade todos os dominios da actividade social.

Mas, olhando-se de perto, vê-se que, nas sociedades primitivas, as invenções reaes que têm transformado a vida economica foram as

primeiras causas das invenções imaginarias de onde são sahidos os mythos, os cultos, os ritos, os dogmas e os sacrificios.

E' todavia util observar a reacção que a religião, acondicionada pela vida economica, exerce, sobre as formas sociaes.»

Um pouco adiante continua o mesmo autor:

«O desenvolvimento das religiões é paralelo ao engrandecimento do campo social, isto é, á extensão dos grupos humanos que os praticam.

A esphera religiosa vae sempre se alargando e esta extensão cresce, pouco a pouco, segundo a escala da civilização.

.
.
.
.
.

Nas primeiras civilizações da China, da India, da Judéa, do Egypto, da Grecia e da Italia existe um periodo que começa na religião familiar e que persistiu para certos dentre elles até nossos dias, atravez de outras grandes religiões nacionaes e internacionaes.

O deus da familia é o antepassado ou a longa continuação dos antepassados que têm, muitas vezes, uma origem divina, nas castas nobres.

E' preciso approximar todos os espiritos que gravitam, em torno do lar domestico que o protegem, os lares, os penates, aquelles que presidem a cada acontecimento da vida e emfim os homens illustres da familia.

O pae da familia, o patriarcha, é o padre e o sacrificador.

O altar é a pedra do tumulo que encerra os antepassados.

Na China, tem se conservado todos os ritos familiares e o culto imperial, com seus sacrificios e suas ceremonias.

Com o desenvolvimento economico e a concentração da população, a transformação das tribus, em cidades, depois em nações, appareceu a religião nacional.

O deus ou os deuses se solidarizaram, com a nação que elles protegem.

A religião que representa o melhor typo do culto nacional é sem duvida o Judaismo.

Emfim, o circulo se alargando sempre, as religiões transpõem as fronteiras da nação, fazem proselytos e se impõem aos povos estrangeiros, seja pelos prophetas e os missionarios, seja pela força.

O Islamismo tem mais frequentemente empregado a força do que a conversão pelas predicas.

E' assim que as grandes religiões se estendem a varias nações e tem por objectivo englobal-os.

Por sua diffusão lenta, mas que prosegue sem parar, contando por toda parte adeptos, ellas reúnem, por um vinculo commum, muitas nacionalidades differentes.

Taes são o Bhramanismo o Budhismo, o Confucionismo, o Christianismo, com seus dois ramos o Protestantismo e o Catholicismo, emfim o Islamismo.

Estas grandes religiões começaram todas, pelo naturismo e pelo animismo.

.
.
.
.
.

Do animismo as grandes religiões passaram ao anthropomorphismo e ao polytheismo, depois ao monotheismo á medida que na ordem politica e economica passava da federação á centralização e do fraccionamento dos idiomas e das artes á unidade linguistica e artistica.

As crenças, por sua extensão mundial, foram instituidas, em dogmas á medida que o sacerdocio se constituia, sobre bases mais solidas.

.
.
.
.
.

Os dogmas nasceram dos mythos, os quaes nasceram das invenções imaginarias, correspondendo ás necessidades de troca de serviços com os deuses, para satisfazer as necessidades da vida material.

Pode-se seguir, remontando aos mythos da criação, e passando pelo animismo e fetichismo e o anthropomorphismo, a origem do dogma da queda que teve uma influencia tão funesta, sobre o desenvolvimento economico das sociedades, onde está definitivamente estabelecido.»

Alguns escriptores tem dividido as religiões, nos seguintes grupos: religiões de tribu, de cidades, de nações e universalistas.

Durkheim, de accordo com os ensinamentos de sua Sociologia etico objectiva, demonstra «que as instituições juridicas, moraes e economicas, em uma palavra, tudo o que constitue a civilização, não existiria se a sociedade não existisse.»

O provector sociologo brasileiro, Dr. Pon-

tes de Miranda, cujo talento brilhante e cultura profunda o destacam, como um dos intellectuaes mais illustres do nosso paiz, affirma o seguinte:

«O sociologo tem de considerar a religião, a moral o proprio direito, exteriormente, isto é, — como factos sociaes.

Escapa-lhe o valor intrinseco, que presupporia o principio absoluto, fixo, incondicionado, pelo qual fosse graduado o seu merecimento de justiça ou de verdade.

O scientista não poderia responder a perguntas desta natureza: é justo ou injusto tal preceito?

Nem se preocupar com saber se é verdadeira ou não tal proposição religiosa.

Ainda mais: se, em vez de alternativa, a questão fosse concebida comparativamente: «tal preceito *a* é melhor do que o preceito *b* ou do que o preceito *c*?», não teria sentido o termo *melhor*, porque o valor de cada preceito é *relativo* á actuação d'elle no conjuncto das condições de determinado *povo*, em determinado *logar* e *tempo*.»

Tudo isto vem provar, de modo absoluto, que a religião é um phenomeno inteiramente social, intimamente ligado, ao desenvolvimento da sociedade e, portanto, a todos os factores que agem, em sua evolução, os quaes exercem sua influencia, directa ou indirectamente, de um modo immediato ou longinquo e que se occultam, muitas vezes, na poeira dos seculos.

Eu poderia transcrever trechos innumerados de notabilidades em Sociologia, mas julgo que as opiniões citadas, satisfaçam plenamente o fim desejado.

Muitas têm sido as hypotheses levantadas,

com o fim de explicarem o phenomeno religioso, assim como, as suas origens que se perdem, nas brumas mysteriosos do passado.

Os crentes procuram, em geral, explicar as religiões, como a consequencia de uma revelação divina.

Existem muitas religiões reveladas, mas os crentes são, neste ponto, intransigentes e só admittem como verdadeira, a revelação do credo que aceitam, reputando erradas todas as outras que julgam ser o resultado da impostura de falsos prophetas.

A observação do desenvolvimento deste phenomeno deu logar a que fosse admittida a criação individual das religiões.

Esta theoria dava as religiões uma origem puramente individual, pois se julgava que os prophetas eram os verdadeiros inventores das crenças que revelavam.

Mas, os estudos posteriores de Sociologia foram, pouco a pouco, destruindo esta concepção erronea e deixando aflorar, á nossa consciencia a verdade scientifica, hoje absolutamente demonstrada, de serem as religiões um facto social, isto é, só existindo, porque existem as sociedades.

«Para ella, (a sciencia, affirma René Worms, não tem existido a fallar propriamente, inventor de religião.

Cada povo tem feito espontaneamente a religião que convem, ao seu temperamento nacional.

Cada um tem posto, em sua religião, sua alma collectiva, tem projectado de alguma sorte, fora de si mesmo, suas faculdades proprias, sublimando-as e emprestando-as a um ser ou a seres que imaginava, os quaes fazia seu ou seus deuses.

Cada um tem attribuido a seu ideal uma realidade e o tem honrado, sob uma forma divina.

Como a obra de arte, figurada pela estatuaria é a objectivação de seu sonho individual, assim o deus adorado, por uma nação, é a objectivação de seu sonho colectivo.»

O receio da morte foi tido sempre, como uma das causas determinantes do apparecimento das religiões, porque o instincto da conservação individual vem, ha milhares de seculos, desenvolvendo o egoismo e plantando, em todos os seres, um amor intenso á vida, fixado, por uma selecção orientada neste sentido.

A religião é, ninguem contestará, um meio commodo de prolongar, embora em condições ideaes, a existencia humana e é esta a causa da influencia magica, com que outrora tyrannizou, ainda hoje domina e dominará para sempre a alma dos povos.

Entretanto. Max Muller, atravez de seus estudos, apresentou a seguinte interpretação para estes factos.

Segundo este autor, a concepção dos deuses foi posterior a do infinito, porque o nosso cerebro e os nossos sentidos imperfeitos tem um alcance limitado, nos trazem apenas o conhecimento do finito, enquanto o infinito nos envolve e nos esmaga, paralyzando a nossa intelligencia, com tudo aquillo que se não comprehende.

A magnificencia dos phenomenos grandiosos da natureza, verdadeiramente inexplicaveis, para os cerebros primitivos, levaram os nossos ancestraes a divinizar-os e, como consequencia o apparecimento de um culto e o advento das religiões.

Este naturismo, que possuiu varios defensores, soffreu tambem muitas contestações.

A. Bochard mostra a influencia de factores physicos, sobre o desenvolvimento das crenças humanas, quando, em um dos seus tratados de Sociologia, affirma o seguinte:

«Nos povos pastores que levam a vida desertica e que estão em continuo contacto com a immensidade da planicie ou da areia, as crenças religiosas tendem a revestir á forma do monothismo e é assim que o Islamismo é uma religião de pastores nomades.

Nos povos caçadores, que vivem no meio da fauna ambiente, as crenças religiosas e o culto revestem a forma do zoomorphismo que se transforma, pouco a pouco, em anthropomorphismo, com o desenvolvimento da vida economica e o engrandecimento dos grupos sociaes.»

Tylor julga que a ideá de um ente superior só posteriormente poudo apparecer.

Os homens primitivos, pela comparação forçada dos seres vivos com os cadaveres, chegaram á conclusão da existencia de uma alma, embora esta concepção apresentasse uma forma concreta, de accordo com as funcções rudimentares dos seus cerebros e, depois, por analogia, foram povoando o mundo de espiritos.

Os animaes, as plantas, os rios, o mar, as estrellas, a lua, o sol, o ceu foram agraciados com espiritos e só depois, por uma coordenação logica de pensamentos e pelas analogias existentes, com a hierarchia social, puderam apparecer os deuses e finalmente a ideá de um Deus omnipotente e omnisciente.

O culto dos mortos e dos antepassados é uma das consequencias deste animismo, entre-